

Só 1 em cada 4 jovens espera que Brasil melhore em 10 anos

Datafolha entrevistou mil pessoas de 15 a 29 anos em 12 capitais do país; 76% gostariam de emigrar

JOVENS DO BRASIL

Apenas 1 em cada 4 jovens diz acreditar que o Brasil estará muito melhor em dez anos, ainda que 2 em cada 3 estejam otimistas com a ascensão pessoal. Ao todo, 76% almejam deixar o país.

Os dados estão em pesquisa Datafolha que ouviu mil jovens de 15 a 29 anos em 12 capitais brasileiras, em 20 e 21 de julho deste ano, sobre situação socioeconômica, saúde, comportamento, tecnologia e cultura.

Os resultados serão publicados a partir de hoje na **Folha**. Entre outros dados, o estudo revela que estabilidade financeira/ficar rico é prioridade para mais deles (20%) do que ter boa formação e terminar a escola (8%).

Segundo o Banco Mundial, cada ano adicional de estudo no Brasil representa até 15% a mais na renda futura, acima dos 8% de impacto registrado na média global. A diferença vem de o país ter menos adultos qualificados.

A **Folha** ouviu jovens que abriram mão do desejo de se formar em engenharia e medicina em troca de ocupações mais precárias e que concluíram apenas o ensino médio a fim de obter renda o quanto antes. **Mercado A19**

Céticos com o futuro, 76% dos jovens brasileiros dizem querer deixar o país

Pessimismo contrasta com otimismo em relação às próprias perspectivas, mostra Datafolha

JOVENS DO BRASIL

Fernando Canzian

SÃO PAULO Pesquisa Datafolha entre jovens brasileiros revela uma perturbadora discrepância, capaz de gerar frustração no futuro, entre expectativas pessoais muito positivas e elevado pessimismo em relação ao Brasil.

Embora 67% dos jovens entre 15 e 29 anos esperem que sua situação pessoal esteja muito melhor daqui a dez anos (e 65% achem o mesmo sobre sua situação financeira), só 25% acreditam que o Brasil terá desempenho semelhante no período.

Nesse contexto, 76% dos jovens dizem ter muita ou alguma vontade de deixar definitivamente o Brasil. Quanto mais jovem, maior é o desejo.

Preocupa também o fato de, espontaneamente, os jovens atribuírem o dobro de importância à estabilidade financeira/ficarem ricos (20% deles) e comprarem um imóvel (16%) em relação a ter boa formação e terminar os estudos (8%).

Segundo o Banco Mundial, cada ano adicional de estudo no Brasil representa até 15% a mais na renda futura, acima dos 8% na média global. A diferença decorre de o Brasil ter menos adultos qualificados.

Entre os jovens brasileiros, apenas 19% acham que estudar é a única forma de obter mais renda no futuro, enquanto 50% dizem que só podem conquistar o que desejam trabalhando. Como atenuante, 67% concordam que estudar é uma das formas de obter mais renda, mas não a única.

Além da situação socioeconômica dos jovens, o Datafolha levantou uma série de informações sobre saúde, comportamento, tecnologia e cultura, além de temas como aborto e drogas. Os resultados da pesquisa serão publicados nos próximos dias em uma série de reportagens da Folha.

O Datafolha ouviu mil jovens entre 15 e 29 anos em 12 de algumas das maiores capitais. Feita em 20 e 21 de julho, a pesquisa tem margem de erro de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos.

Para especialistas, o otimismo dos jovens sobre sua situação pessoal futura não corresponde à realidade atual.

A partir da recessão de 2014-2016, os jovens trabalhadores foram os que mais perderam renda (-26,5% entre 2014 e 2019). A taxa de desocupação daqueles entre 18 e 24 anos era de 19,3% ao fim do segundo trimestre, mais que o dobro da média geral (9,3%).

Na educação, dados do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) mostram que a taxa de abandono escolar mais que dobrou em 2021, de 2,3% (2020) para 5,6%.

Com a pandemia, o Brasil foi um dos países que por mais tempo manteve as escolas fechadas, o que também refletiu negativamente nos dados do desempenho dos alunos nas escolas, tanto públicas quanto privadas.

Segundo o Datafolha, mais da metade (51%) dos jovens está fora da escola, embora a taxa seja menor entre os de 15 a 19 anos (21%). Na faixa de 20 a 24 anos, que, em tese, deveriam estar na faculdade, 57% já não estudam mais.

Segundo Nercio Menezes Filho, diretor do Centro de Pesquisa Aplicada à Primeira Infância do Insuper, entre aqueles com 22 anos, só 27% têm ingressado em universidades — e apenas 20% acabam se formando. “No Brasil, o curso superior representa, em

Maiores aspirações priorizam riqueza e trabalho, não educação

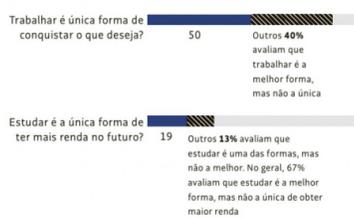
O que os jovens mais desejam

Em % do total - resposta espontânea e única



Trabalho x educação

Em % do total - resposta estimulada



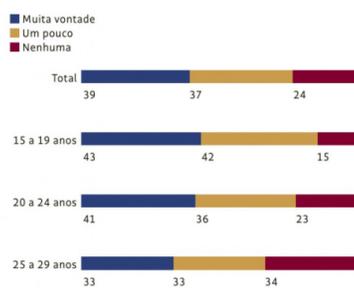
Situação do Brasil e pessoal daqui a 10 anos

Em % do total - resposta estimulada



Maioria deseja sair do Brasil para sempre

Em % do total - resposta estimulada



76% têm muita ou alguma vontade de sair do Brasil para sempre

Fonte: Pesquisa Datafolha com 1.000 entrevistas com jovens entre 15 e 29 anos em 12 capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza, Recife, Porto Alegre, Curitiba, Goiânia, Brasília, Manaus e Belém). A margem de erro é de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%.

termos salariais, uma multiplicação média de três vezes. Os jovens precisam ser informados de que existirão cada vez menos empregos de longo prazo; e que uma carreira em qualquer área exige cada vez mais educação.”

Segundo Elizabeth Guedes, presidente da Anup (Associação Nacional das Universidades Particulares), os últimos dez anos registram queda de até 40% no total de alunos.

Guedes afirma que a estratégia das universidades tem sido criar mais cursos voltados às demandas do mercado. “É o mercado que tem colocado a lanterna na direção que temos de seguir”, afirma.

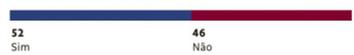
Em 69 universidades federais, o Inep mostra que o total de estudantes matriculados caiu de 1,3 milhão em 2019 para 1,2 milhão em 2020.

Entre os jovens que ainda estudam ou estudaram, quase

Panorama do estudo e do trabalho entre jovens

Escola o preparou para ser bom profissional?

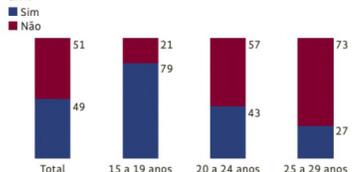
Em % do total*



*Concorda ou discorda plenamente ou em parte

Estuda atualmente?

Em %



Trabalhos mais comuns

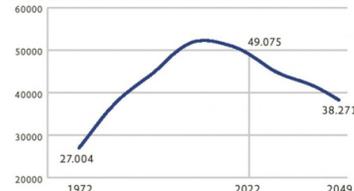
Em % do total - resposta espontânea e múltipla



Fonte: Pesquisa Datafolha com 1.000 entrevistas com jovens entre 15 e 29 anos em 12 capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza, Recife, Porto Alegre, Curitiba, Goiânia, Brasília, Manaus e Belém). A margem de erro é de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%.

Total de jovens está caindo no país

Em milhões*



*A partir de 2021, estimativa da ONU

Fonte: FGV Social/CPS a partir dos microdados do IBGE, Gallup World Poll e Nações Unidas

a metade (46%) não acredita que a escola tenha preparado para ser bons profissionais. Grande parte dos que só trabalham (47%) ou trabalham e estudam (32%) o fazem em serviços gerais, que normalmente exigem menos qualificação e pagam salários menores.

“O retorno da educação no Brasil é gigantesco, e não há política pública que informe sobre a importância disso na vida futura”, afirma Marcelo Neri, diretor da FGV Social.

Segundo ele, os jovens brasileiros sempre aparecem em pesquisas internacionais como os mais otimistas. Em levantamento Gallup em 117 países em 2020, brasileiros entre 15 e 29 anos deram nota de 8,9 (numa escala de 1 a 10) para suas expectativas cinco anos à frente. A média global era 7,5.

“Basicamente, existem duas maneiras de subir na vida: estudar para ter um bom emprego e poupar. Quando se é muito otimista, o risco é não fazer nem uma coisa nem outra.”

Para Laura Muller Machado, professora do Insuper e ex-secretária de Desenvolvimento Social do estado de São Paulo, um dos problemas fundamentais do ensino hoje é a inexistência de conexão entre as escolas e o mercado.

Segundo a OCDE, só 8% dos jovens brasileiros concluem algum tipo de ensino técnico ou profissionalizante, ante

40% na média de 38 países.

Entre 2011 e 2016, no governo Dilma Rousseff, o Brasil chegou a investir R\$ 38,5 bilhões no Pronatec para treinar 9,7 milhões de estudantes do ensino médio da rede pública e beneficiários de programas federais de renda.

Mas, segundo pesquisa de Fernando de Holanda Barbosa Filho, do FGV-Ibre, alunos que terminaram o Pronatec num janela de 6 a 23 meses não tiveram avanço em termos de renda ou empregabilidade.

Uma das únicas experiências bem-sucedidas, que envolveu 300 mil alunos entre 2014 e 2015, partiu do mapeamento nas empresas da demanda por trabalhadores, levando em conta especialidades e localização geográfica, para só depois iniciar o treinamento.

Em relação ao otimismo dos jovens com seu próprio futuro, Machado afirma: “Infelizmente, não existe nenhuma informação objetiva que possa levar à melhora da situação deles a curto prazo. Os estudantes estão saindo de escolas ruins para um mercado de trabalho também ruim”.

Uma das poucas boas notícias vem da demografia, que trará redução acentuada no total de jovens à frente, de cerca de 49 milhões atualmente para 38,2 milhões em 2049 — o que poderá valorizá-los no mercado de trabalho.